

EDITORIAL

Nova classe média

As informações da pesquisa sobre a "A Nova Classe Média", divulgada nesta sexta-feira pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e mostrando que o número de brasileiros que compõem esse segmento, cuja renda varia de R\$ 1.126 a R\$ 4.854, chegou a 94,9 milhões de pessoas e ultrapassou pela primeira vez 50% da população – de acordo com dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), relativa a 2009 – tornam-se tanto mais dignas de registro, como acentuaram os técnicos que a elaboraram, na medida em que confirmam uma tendência já apontada pela Pesquisa Mensal de Emprego (PME) desde 2008.

Entre 2003 e 2009, um total de 29.063.545 pessoas ascenderam à classe C, e entre 2008 e 2009, justamente o período da crise econômica internacional, 3.172.653 pessoas subiram para esse patamar, levando o coordenador do estudo, Marcelo Nery, a observar,

como o fez, que o crescimento do País nos últimos anos está mais baseado em geração de renda do que em consumo, de tal forma que entre 2003 e 2009, por exemplo, o índice sintético de potencial de consumo aumentou 22,6%, enquanto o índice de geração de renda subiu 31,2%, o que a seu ver indica a sustentabilidade do crescimento: "Está prosperando mais – disse ele – o lado trabalhador do que o lado consumidor e, com isso, as empresas devem estar contentes, pois as pessoas vão poder continuar comprando". Não se trata apenas, como observou ainda, de crédito e de programas sociais, "pois o Brasil foi para a escola nos anos 90, conseguiu trabalho com carteira assinada, está contribuindo para a Previdência e investindo em computadores".

Acresce, como a pesquisa revelou também, que a renda média dos brasileiros cresceu 7,7% de ju-

lho de 2009 a julho deste ano, em percentual superior, portanto, à média anual de 3,8% registrada de dezembro de 2002 a dezembro de 2008, enquanto o índice de Gini, que mede a desigualdade, reduziu 1,4% entre julho de 2009 e julho de 2010.

Segundo o coordenador da pesquisa da FGV, "a desigualdade continua em queda e o processo de emergência da classe média é sustentável e diferentemente, aliás, da Índia e da China, que crescem economicamente, mas nem tanto com redução da desigualdade".

Outro estudo, este constante da Carta de Conjuntura do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e contendo dados sobre a economia brasileira, tais como os relativos à inflação, emprego e PIB, foi divulgado igualmente sexta-feira e, na avaliação do coordenador do Grupo de Análises e Previsões do instituto, Roberto Messemberg, o setor público precisa investir mais na economia para

estimular o setor privado e elevar o crescimento do PIB. "Se o Estado deve começar – disse – e ele está começando, a ganhar espaço na taxa de investimento da economia, fazendo um Orçamento mais robusto para o ano que vem, aplicando mais recursos em áreas carentes para provocar uma ampliação do potencial produtivo, isso não deixará de ser percebido e explorado pelo setor privado".

São avaliações se análises que se complementam, pois, sob diferentes ângulos, em relação ao processo de desenvolvimento do país e compreendendo, por isso mesmo, os aspectos não só estritamente econômicos mas necessariamente sociais que o condicionam e o delimitam, no rumo, como se requer, do aumento das oportunidades de inserção social através da geração de trabalho e renda, bem como melhoria das condições de vida da população.